



A IMPORTÂNCIA DO SÍMBOLO *KOMARURÀ* PARA O POVO *INỸ* DO MUNICÍPIO DE ARUANÃ NO ESTADO DE GOIÁS, BRASIL

Ana Karolline Nerys Galvão¹ - Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-9408-8300>

Lorranne Gomes da Silva² - Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3760-3705>

¹ Universidade Estadual de Goiás, Goiás, GO, Brasil¹

² Universidade Estadual de Goiás, Goiás, GO, Brasil²

Artigo recebido em 29/10/2023 e aceito em 14/12/2023

RESUMO

O presente texto é fruto do trabalho monográfico defendido em 2022 e teve como objetivo o estudo sobre a importância do símbolo *Komarurà* para a cultura do povo *Inỹ*, do município de Aruanã, do estado de Goiás, Brasil. A escolha do tema se deu devido à ausência de pesquisas sobre esse elemento cultural. Além disso, a presente pesquisa buscou responder quais foram os prejuízos do desaparecimento desse símbolo para o povo *Inỹ*. A abordagem foi qualitativa e a metodologia, de pesquisa-ação. Além disso, houve levantamento bibliográfico; trabalho de campo; rodas de conversas e entrevistas orais com os indígenas. Foi possível compreender que o contato interétnico e a inserção dos *Inỹ* nas demandas mercadológicas do turismo, pecuária e da vida urbana culminaram em várias modificações e ressignificações de elementos e práticas culturais desse povo. Nesse contexto, está o uso do símbolo *Komarurà*. Autores como Ramos (1986); Pechincha e Silveira (1986); Lima (2010), entre outros foram fundamentais para a escrita.

Palavras-chave: povo *Inỹ*; símbolo *komarurà*; cultura; ressignificações.

THE IMPORTANCE OF THE *KOMARURÀ* SYMBOL FOR THE *INỸ* PEOPLE FROM THE TOWN OF ARUANÃ OF GOIÁS STATE, BRAZIL

ABSTRACT

The present text is fruit of an academic essay defended in 2022 and its objective was to study the importance of the *Komarurà* symbol for the culture of the *Inỹ* people, from the town of Aruanã, in Goiás State, Brazil. The choice of the topic derives from the absence of research on such cultural element. Furthermore, we developed this investigation to seek to assess the drawback of the disappearance of the symbol for the *Inỹ*. We used a qualitative

¹ Graduada em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina. E-mail: anakarolinegalvao6@gmail.com

² Doutora em Geografia. Professora da Graduação e do Mestrado (PPGEO) em Geografia da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina. Orientadora da Pesquisa. E-mail: lorrannegomes@gmail.com

approach and an action research methodology. Furthermore, there was a bibliographic survey; field work; conversation circles and oral interviews with the indigenous people. We found out that there were several modifications and resignifications in terms of their elements and cultural practices thanks to an inter-ethnic contact and the insertion of the *Inyĩ* in the tourism industry demands, cattle raising and urban life. In this context, the symbol *Komarurà* is used. Authors such as Ramos (1986); Pechincha and Silveira (1986); Lima (2010), among others were fundamental for our writing.

Keywords: *Inyĩ* people; *komarurà* symbol; culture; resignifications.

LA IMPORTANCIA DEL SÍMBOLO *KOMARURÀ* PARA EL PUEBLO *INÝ* DEL MUNICIPIO DE ARUANÃ EN EL ESTADO DE GOIÁS, BRASIL

RESUMEN

El presente artículo es el resultado de la investigación monográfica defendida en 2022 y tiene como objetivo estudiar la importancia del símbolo *Komarurà* para la cultura del pueblo *Inyĩ*, del municipio de Aruanã, en el estado de Goiás, Brasil. La elección del tema se debe a la falta de investigaciones sobre este elemento cultural. A partir de eso, la presente investigación busca responder cuáles fueron las pérdidas de la desaparición de este símbolo para el pueblo *Inyĩ*. El enfoque fue cualitativo y la metodología fue la investigación acción. Además, se realizó un levantamiento bibliográfico; trabajo de campo; círculos de conversación y entrevistas orales con indígenas. Se pudo comprender que el contacto interétnico y la inserción de los *Inyĩ* en las demandas comerciales del turismo, la ganadería y la vida urbana culminaron en diversas modificaciones y reinterpretaciones de elementos y prácticas culturales de este pueblo. En este contexto, existe el uso del símbolo *Komarurà*. Autores como Ramos (1986); Regateo y Silveira (1986); Lima (2010), entre otros, fueron bases para la escritura.

Palabras-clave: pueblo *Inyĩ*; símbolo *komarurà*; cultura; resignificaciones.

INTRODUÇÃO

O povo Karajá (nome dado pelos não indígenas), se autodenominam *Inyẽsão* habitantes milenares da bacia do rio Araguaia, na ilha do Bananal e entorno, entre os estados de Tocantins, Pará, Mato Grosso e Goiás. É composto por três subgrupos: Karajá, (*Inyĩ mahãdu*), os Javaé (*Ixãju mahãdu*) e os Xambioá (*Ixãbiòwa*), pertencentes ao tronco linguístico Macro-Jê e falam a língua *Inyrybe*. Segundo estudos especiais parciais do Censo do IBGE (2023), o povo *Inyĩ* soma aproximadamente 6.123 indígenas (*Inyĩ* = 4326; Javaé = 1542; Xambioá = 255), e vive em cerca de 29 aldeias espalhadas ao longo do vale do rio Araguaia e afluentes.

O presente trabalho é fruto de uma pesquisa monográfica defendida em 2022, no curso de Licenciatura em Geografia, pela Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina, e objetivou

estudar a importância do símbolo *Komarurà* para a cultura e vida do povo *Inyã* do município de Aruanã, localizado no estado de Goiás, Brasil.

A escolha do tema se deu devido à ausência de pesquisas sobre esse elemento cultural e seu pouco uso. Utilizamos nessa escrita o nome *Inyã*. Entre as questões balizadoras da pesquisa, estão: qual a importância do símbolo *Komarurà* para o povo *Inyã*? Por que o povo *Inyã*, sobretudo os jovens, não estão mais utilizando o símbolo *Komarurà*? Quais os prejuízos do desaparecimento desse símbolo para o povo *Inyã*?

O texto que segue apresenta a metodologia utilizada para realização da pesquisa, em seguida, os resultados e as considerações finais.

METODOLOGIA

A presente pesquisa teve como base a abordagem qualitativa, a metodologia da pesquisa-ação e procedimentos metodológicos compostos por: levantamento bibliográfico; trabalho de campo; rodas de conversas e entrevistas orais.

A abordagem foi qualitativa. Na visão de Denzin e Lincoln (2006), a palavra *qualitativa* implica uma ênfase sobre as qualidades das entidades e sobre os processos que não podem ser examinados ou medidos experimentalmente em termos de quantidade, volume, intensidade ou frequência. Segundo Gil (2008), a pesquisa qualitativa tem caráter subjetivo sobre o que está estudando, é um tipo de pesquisa muito específica, sendo comum assumir a forma de um estudo de caso. Para Richardson (1999, p. 102):

o objetivo fundamental da pesquisa qualitativa não reside na produção de opiniões representativas e objetivamente mensuráveis de um grupo; está no aprofundamento da compreensão de um fenômeno social por meio de entrevistas em profundidade e análises qualitativas da consciência articulada dos atores envolvidos no fenômeno (RICHARDSON, 1999, p. 102).

Desse modo, compreende-se que a pesquisa-ação é uma metodologia colaborativa entre o pesquisador e os sujeitos pesquisados, que pode promover autorreflexões para todos os envolvidos sobre os temas investigados. É uma forma de pesquisa interativa, que visa compreender as causas de uma situação e propor mudanças. A criação do termo *pesquisa-ação* foi do pesquisador Kurt Lewin (1978, p. 216). Ele considerou que é “um tipo de pesquisa de ação, uma pesquisa comparativa acerca das condições e resultados de diversas formas de ação social e pesquisa que leva à ação social”.

Para Saquet (p.11, 2019), “é uma reflexão ora apresentada como uma praxis popular, ecológica, participativa e contra-hegemônica, tanto para produzir conhecimento como para trabalhar com o povo que tanto precisa melhorar sua vida cotidiana”. De acordo com Naiditch (2010, p.01):

Pesquisadores que desenvolvem pesquisa-ação estudam a realidade social sem se distanciar desta. Pesquisa-ação é contextual e realizada ao mesmo tempo em que alguma forma de ação ou intervenção resulta da pesquisa. Os resultados dessa ação servem como dados adicionais da pesquisa e são estudados ao longo do processo. Por isso, a pesquisa-ação é também descrita como um contínuo, uma série de ciclos de ações que envolvem diferentes fases de planejamento, ação, observação dos efeitos e reflexão acerca das observações e resultados obtidos. Esses ciclos também ajudam os pesquisadores a refinar suas questões de pesquisa tornando-as mais pontuais e a refletir sobre a transformação de suas perspectivas (Naiditch, 2010, p.01).

Os procedimentos metodológicos utilizados foram: levantamento bibliográfico; trabalho de campo; rodas de conversas e entrevistas orais com os indígenas. Por morar na cidade de Aruanã/GO e conviver com o povo Karajá há bastante tempo, foi mais fácil para a estudante realizar a pesquisa.

Foram realizadas 2 rodas de conversas (a primeira, em março de 2022, com 15 indígenas e a segunda, em setembro de 2022, com 22 indígenas). Dez indígenas foram entrevistados, sendo 05 da aldeia *Buridina* e 05 da aldeia *Bdèburè*. Para isso, várias idas às aldeias foram necessárias.

RESULTADOS

O município de Aruanã está a noroeste do estado de Goiás, a 310km de Goiânia (capital do estado de Goiás) e 486km de Brasília (capital do Brasil). Tem aproximadamente 7.496 (sete mil, quatrocentas e noventa e seis) pessoas. De acordo com o último censo do IBGE (2010), a estimativa, em 2023, é de ter ultrapassado 10 mil habitantes.

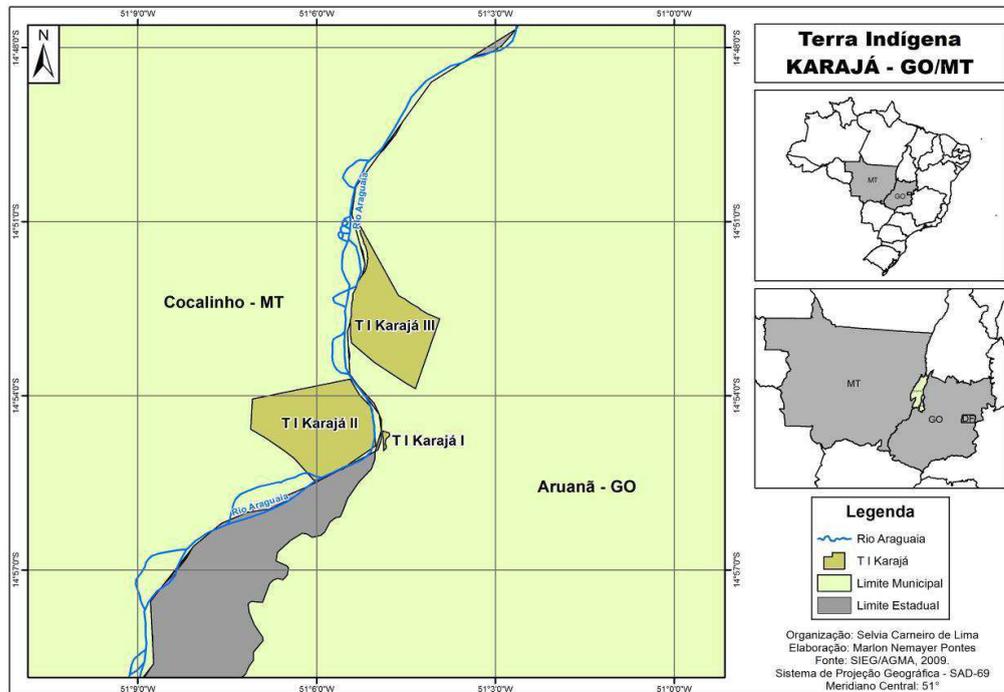
A cidade é banhada por dois rios importantes para o estado e o bioma Cerrado, sendo eles, o rio Vermelho e o rio Araguaia, que se encontram em Aruanã. O nome da cidade foi dado em 1958, quando foi elevado à condição de município, em função de um peixe comum no rio Araguaia. É considerada a “Cidade Portal do Araguaia”, e atrai milhares de turistas de várias localidades do Brasil.

Portanto, antes mesmo de a cidade de Aruanã existir, habitava nesse território o povo indígena *Inyê*. Desse modo, o município surgiu e foi se desenvolvendo nas terras originárias desse povo. Portela (2006) afirma que a história de Aruanã e a do povo *Inyê* é indissociável, pois quando os colonizadores chegaram ao território onde está a cidade de Aruanã, os *Inyê* já se encontravam naquele lugar.

Os estudos de Medrado (2021) mostraram que, nos séculos passados XVIII, XIX, os deslocamentos dos indígenas narrados em entrevistas orais por uma liderança *Inyê*, eram de até 200 km de

raio do atual território. Com as décadas e o crescimento da cidade, sobretudo, em função do turismo e da pecuária, os *Iny* foram sendo pressionados, tendo seu território reduzido. A Terra Indígena *Iny* foi homologada no ano 2000, e se encontra dividida em três áreas descontínuas, como mostra a figura 01:

Figura 01 – Terra Indígena *Iny*



Fonte: LIMA, Sélvia Carneiro de (2010).

Em 2023, o território *Iny* foi fragmentado em 3 Terras Indígenas (TI) e duas aldeias. A aldeia *Buridina* fica na área I (GO) e possui 14 hectares. A área II tem 893 hectares, está na divisa entre os estados de Goiás e Mato Grosso (município de Cocalinho), e a aldeia *BdèBure* está localizada na área III (GO), com 705 hectares. Dados não oficiais da SESAI (2023) atestam que o povo *Iny* de Aruanã (GO), soma, aproximadamente 400 pessoas. Há, ainda, indígenas que vivem fora das aldeias, nos municípios de Aruanã, Cidade de Goiás, Goiânia, entre outros.

Figura 02 - Vista parcial das aldeias *Buridina* e *BdèBure*



Fonte: GALVÃO, Ana Karolline Nerys (2022).

A área I, onde está a aldeia *Buridina*, fica no centro da cidade de Aruanã. Estão nessa área, também, a Escola Estadual Indígena e o museu *Maheri* (local de venda do artesanato indígena). Em alta temporada (julho-agosto), a cidade de Aruanã recebe, em média, 150 mil turistas. Essa quantidade de pessoas, em um município de pouco mais de 10 mil habitantes, gera muitas modificações nos usos dos espaços locais. A produção de lixo aumenta consideravelmente, o movimento de turistas dentro da aldeia é intenso, no intuito de conhecer a aldeia e o museu. De acordo com (LIMA, 2010, p. 86): “é um grande desafio viver numa aldeia indígena dentro de uma área urbana localizada em um dos pólos mais importantes do turismo e da produção de rebanho bovino de Goiás”.

É um espaço de muita importância para caça, pesca, coleta, criação de animais e produção de mel é o da área II, porém, o alagamento do rio Araguaia, em períodos chuvosos, compromete o uso desse espaço ao longo do ano. Como essa área está na divisa dos estados de Goiás e Mato Grosso, é preciso atravessar o rio para chegar à TI. II.

Na área III, está a aldeia *BdèBure*, afastada da cidade de Aruanã a aproximadamente 5 km. É bastante utilizada para plantio (milho, mandioca, amendoim, batata doce), mas está com a vegetação original muito impactada por pastagens, processo iniciado anteriormente à demarcação da Terra Indígena. Nesse espaço, está também um dos cemitérios do povo *Inyê*. Muitas famílias que vivem nessa

área vieram do estado do Tocantins, a língua *Inyrybe* é mais presente e tentam preservar mais elementos e práticas culturais tradicionais.

Em relação à fragmentação do território *Iny*, Pechincha e Silveira (1986, p. 21), consideram que:

Em relação à questão territorial, é destacada a situação de cerceamento que limitou a aldeia por todos os lados, com evidente redução de seu espaço original, sendo destacado que “os índios de Aruanã não possuem nenhum documento que lhes garanta a propriedade da terra que então habitam, sendo que está apenas ‘respeitada’. Segundo as relatoras, “a não reivindicação das áreas vizinhas antes por eles habitada parte de uma consciência a nível comunitário de sua impotência frente à sociedade envolvente, já que reconhecem a dificuldade em reaver a área que lhes foi expropriada”.

Nesse sentido, Lima (2010, p. 12), evidencia os prejuízos sociais e culturais advindos dessa redução do território tradicional, sobretudo, no que se refere às áreas de cercamento.

A redução do território Karajá as três áreas demarcadas; a coleta da matéria-prima para a produção artesanal tem sido cada vez mais difícil em função da degradação ambiental instalada no município e pela restrição imposta pela propriedade privada e pela própria delimitação do território de vivência impostos a eles; o crescimento da população indígena, o que implica a insuficiência do território para a sobrevivência de todos; o desmatamento intenso já existente principalmente na terra III, anterior a demarcação; os alagamentos que ocorrem nas Terras II e III que inviabilizam o plantio de roças e coleta na maior parte do ano e as atividades do turismo, que “invade” e reorganiza a vida indígena.

O povo *Iny* tem como história de origem o rio Araguaia. Desse modo, eles estabeleceram historicamente fortes vínculos com esse rio. Para Tereziano (2016, p.44):

Se nos orientamos pela mítica da origem dos Karajá, entendemos que eles emergiram do fundo do rio Araguaia. Lá estavam acolhidos e viviam plenamente e saudáveis. No entanto, na profundidade do rio a vida era restrita e fria. Um dia um jovem Karajá resolveu seguir um feixe de luz e encontrou uma passagem até a superfície do rio Araguaia. As belezas encontradas deixaram-no muito deslumbrado. Com isso, o jovem Karajá voltou ao fundo do rio e disse o que tinha encontrado aos outros jovens Karajá, que decidiram juntos subirem até a superfície. Depois de algum tempo, o novo ambiente levou-os a conhecer certas doenças, tal como a morte. Por isso, tentaram voltar, mas a passagem não se encontrava acessível, ou seja, estava cerrada.

Portanto, o rio Araguaia tem usos e apropriações distintas. Para a cultura do povo *Iny*, o rio é o eixo condutor da existência, é o “*útero*”, a mãe do povo e, na cosmovisão indígena, um elemento sagrado³ e essencial para reprodução do modo de vida e de suas práticas culturais. Para os turistas, ele é elemento de lazer, descanso e para as atividades turísticas – um elemento mercadológico.

³As portas principais das casas, por respeito, são direcionadas para o rio Araguaia.

Figura 03 - Indígena se banhando no rio Araguaia e confeccionando redes de pesca; Praia ocupada em período de alta temporada turística



Fonte: Silva, Lorraine Gomes da, 2019.

Assim como o rio é um espaço de diferentes usos e apropriações de indígenas e não indígenas, a vida urbana entrecruza cada vez mais a vida indígena e produz muitas mudanças e ressignificações de práticas e elementos da cultura *Inyẽ*. Em uma pesquisa realizada por Silva e Lima (2017, p. 163), constatou-se que vários elementos socioculturais foram ressignificados, modificados e ou substituídos, sobretudo, nas últimas décadas, como mostra a figura 04:

Figura 04 - Elementos ressignificados, modificados e ou substituídos na vida indígena do povo Karajá de Aruanã		
Elementos	Antes do contato	Atualmente
Língua	<i>Inyrybe</i>	Português e <i>Inyrybe</i>
Casamento	Apenas entre indígenas	Entre não indígenas
Alimentação	Caça, pesca e coleta	Predomínio de alimentos industrializados como sal, açúcar, café, óleo, bolachas, margarina, doces, enlatados, etc
Vestuário	Plumárias; Cocar; adornos variados	Roupas, calçados, maquiagens e adornos.
Música	Tradicional Karajá	Músicas em língua portuguesa e estrangeira de estilos variados, como Funk, Sertanejo, Forró, etc

Pintura	Tintas elaboradas com elementos naturais: frutas, sementes, cinza, entre outros; grafismos que imitam, sobretudo, a fauna	Atualmente, as pinturas tradicionais Karajá são bastante utilizadas como elemento de troca com os turistas. Há uma preferência, sobretudo, pelas gerações mais jovens pelas tatuagens, em detrimento das pinturas corporais tradicionais.
Relações familiares	Respeito aos mais velhos e liderança indígena; Reuniões para tratar sobre decisões referente a comunidade; Aprendizagem sobre a cultura com os mais velhos e com os pais, por meio de história oral, narrativas e mitos. Predomínio dos interesses coletivos.	Os jovens tem pouco tempo com a família; Muitos não respeitam mais as lideranças e os mais velhos da aldeia. As crianças quase não se interessam pelas histórias orais; narrativas e mitos e preferem assistir televisão e ver desenhos. As questões individuais estão se sobrepondo aos interesses coletivos.
Crenças	Nos elementos da natureza: peixe, terra, água, etc. Nos espíritos dos Aruanãs Xamanismo.	Catolicismo, protestantismo.
Saúde	Uso de plantas e de rituais de cura. Consulta e orientação do curador e ou do pajé.	Uso de remédios industrializados.
Bebidas	Calugi (bebida tradicional feita de mandioca ou milho).	Bebidas com teor alcoólico, como aguardente, cerveja, sucos, refrigerantes.
Costumes	Práticas de resguardo no nascimento de bebês, principalmente dos homens; Nominação – hierarquia dos nomes dos antepassados; Casamentos intraétnicos..	O resguardo pós-nascimento é pouco praticado. Os nomes indígenas estão sendo substituídos por nomes não-indígenas e a tradição em manter os nomes familiares está em desuso. Os casamentos interétnicos têm tido predomínio, sobretudo, com não indígenas.
Moradia	Oca de palha ou tapiri.	Casas de tijolos e lajes.
Trabalho	Roças Tradicionais; Criação de abelhas; Colheita do Mel; Fabricação da rapadura; Caça, pesca e coleta	Vendedor; Recepcionista; Lavador de carro; Operador de caixa; Barqueiro.
Fonte: SILVA; LIMA (2017).		

Sobre o artesanato, os *Iny* confeccionam objetos de cerâmica/argila, de enfeites oriundos da arte plumária, cestas de palha e peças em madeira. Outro importante artesanato são as bonecas *Ritxoko*, que foram tombadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), em 2012, como patrimônio cultural brasileiro. A atividade é exclusiva das mulheres, que utilizam essa prática para ensinar as crianças a cultura indígena e também as histórias e seus significados ancestrais.

Figura 05 - Artesanatos de palha; Artesanato de madeira; Boneca *Ritxoko*



Fonte: GALVÃO, Ana Karolline Nerys (2022).

As músicas indígenas *Inỹtêm* significados diversos. Suas letras podem contar sobre o passado do povo; fazer reivindicações de lutas; evocar a ancestralidade; reverenciar a natureza; denunciar situações; comemorar conquistas, e pode ser também um recurso de apoio à contação de histórias. Para Teodoro (2020), cada povo indígena possui suas especificidades como parte do conjunto de seus usos, seus costumes, sua cultura, por isso, os conteúdos das músicas são relacionados às especificidades de cada povo.

A pintura corporal é um elemento muito importante e bastante utilizado entre os *Inyê*. É distinta para homens, mulheres e crianças, em suas diferentes fases da vida e/ou para ocasiões diferentes. Os desenhos representam a força e a habilidades dos animais e elementos da natureza. As tintas para confecção das pinturas são feitas de sumo do jenipapo verde misturado com fuligem de carvão natural (preto) e o urucum (vermelho).

A pintura do corpo, assim como toda a arte indígena, está relacionada com a vida cotidiana e com os rituais. Para pintar, utilizam os dedos ou gravetos de árvores. Para fazer círculos ou desenhos específicos, utilizam sementes. Um dos indígenas *Inyê* afirma:

Ralamos o jenipapo, ele solta um caldo misturamos com carvão de casca de árvore e temos a cor preta. O vermelho é com urucum, tiramos a semente e, da polpa, fazemos uma pasta e tem povos que usam o amarelo do açafraão, mas nós quase não usamos. (RODA DE CONVERSA, 2022).

A figura 06 mostra uma pintura *Inyê* masculina feita para participar de festividades fora da aldeia.

Figura 06 - Pinturas corporais *Inyê*



Fonte: Gedeon *Ijàraru* Karajá, 2023.

Sobre os símbolos e significados das pinturas, a entrevistada B relata que:

Toda pintura tem um significado, um símbolo, assim como o *Komarurà*, que é pra diferenciá-los dos outros karajá, as pinturas na boneca, cestos. Cada um tem significado de um animal, porque nós karajá acreditamos que quando morre o espírito encarna como animal aqui na terra. Tem o *Makitireti*, desenho da cana, *Ritxokoas* bonecas, *Tyrehé-hokó*, que representa o morcego, *Oé Oé Hawyy riti* pintura só na mulher. (NOVEMBRO, 2022).

Quando os Karajá atingem a idade da puberdade (entre 12 e 13 anos), os jovens de ambos os sexos podem se submeter à aplicação do símbolo *Komarurà*, que consiste no desenho de dois círculos definitivos no rosto (Figura 07).

Figura 07 – *Komarurà*



Fonte: GALVÃO, Ana Karolline Nerys (2022).

O *Komarurà* pode ser feito por homens e mulheres, em qualquer idade. No passado, os *Inyã* eram reconhecidos entre os demais povos por usarem esse símbolo. Portanto, é um elemento identitário desse povo. Segundo relatos dos *Inyã*, pode ser feito de duas formas: “no passado, era feito com a extremidade circular dos cachimbos, ainda quentes, quando a pele da pessoa era marcada logo abaixo de cada olho, de forma permanente, e a outra forma de fazer o *Komarurà* é como objeto de vidro ou espinha de peixe, com ponta e tinta de jenipapo preta”.

Sobre a forma circular do símbolo *Komarurà* houve diferentes explicações entre os *Inyã*. Para a entrevistada A, o formato é igual do sol e da lua:

Existem marcas no rosto que são desenhos de formas geométricas lineares, mas o que faz os Karajá inconfundíveis são os círculos no rosto, mas muitas pessoas não sabem o que significa o símbolo *Komarurà*, atribuindo-lhe a representação do Sol e da Lua.

De acordo o entrevistado B:

Os peixes estavam festejando, era a festa dos peixes, tucunaré, pintado, pirarara, todos os peixes do rio Araguaia. Um Karajá estava pescando e viu essa festa. Ao olhar as marcas que tinha nos peixes, as manchas, viu a do tucunaré e decidiu apresentar para povo aquela marca como sendo dos *Iny* também, igual à do peixe. Foi assim que surgiram a marca e as músicas sobre os peixes.

Brígido (1995, p.271), considera que:

Faz parte da cosmovisão milenar o entendimento é que circulares eram suas antigas habitações, assim como círculos formam as figuras da dança tanto no âmbito feminino quanto no masculino. E acrescenta-se, também, “o ciclo ritualístico Aruanã que evoca o mito dos seres do fundo do rio.

A entrevistada D ressaltou a importância desse símbolo para o povo *Iny*: “*Komarurà* faz parte da identidade povo *Iny*, porque cada etnia tem marca e elementos culturais diferentes, não é porque é índio que é tudo igual”. De acordo com o entrevistado F:

A importância do *komarurà* (;) é para o povo *Iny* ehhh a representação do que é ser *Iny*. A tradução do *Iny* é o seguinte: “é a humildade, o respeito ehhh solidariedade, a hospitalidade”. Isso é ser *Iny* certo? Ser *Iny* é você ser considerado uma pessoa humana, uma pessoa humilde, sincera né? E o símbolo representa isso. Quem não tem esse símbolo no rosto, o *komarurà*, esse não é *Iny*, quer dizer, ou é um outro índio, indígena, que não faz parte do povo né? Era assim que era falado.

O entrevistado J ressaltou que:

O símbolo tem a pessoa certa que faz, não é qualquer pessoa, só pode fazer quem é karajá, não karajá não pode fazer, é uma marca passada de geração em geração, mas na minha época de jovem era obrigatório por papai, hoje temos o direito de escolher fazer.

Apesar da importância do símbolo *Komarurà*, nota-se que poucos indígenas têm o símbolo em Aruanã. Entre aproximadamente 400 pessoas, apenas 04 mulheres têm o símbolo. Entre os motivos desse desaparecimento do símbolo, o entrevistado F disse que: “estão deixando de usar porque dói muito no rosto do jovem e os pais ficam com pena dos filhos, não obrigando mais fazer”. A entrevistada C disse que:

O modismo do mundo do branco faz os jovens *Iny* querer tatuagem no lugar do *Komarurà*. Muitos têm vergonha da nossa marca, isso vai fazer ela sumir e os pais não vê o perigo disso. Ninguém fala nada, não conta do passado mais, nossa história. E também quem faz não é qualquer pessoa, aqui em Aruanã só temos uma pessoa que faz.

Apareceu também nas narrativas da roda de conversa que muitos jovens preferem não ter o símbolo *Komarurà* no rosto, evitando serem identificados como indígenas, a fim de não sofrerem preconceito e discriminação por parte dos não indígenas que convivem com eles, e até mesmo de turistas

que não conhecem a realidade indígena. Nota-se que a ressignificação sociocultural é intensa e contínua, ainda mais quando o povo vive dentro de uma cidade turística. Para Silva e Lima (2017, p. 165):

Se o peixe, a tartaruga, a pesca, a coleta, o mel, o arco, a flecha, a pintura, os nomes, as danças, os rituais, as músicas, entre tantos outros, são elementos importantes para a alimentação e cosmologia dos Karajá, já não são tão praticados como no passado. Há indícios de pesca predatória para a comercialização dos peixes; a prática de cultivo de roças está cada vez mais remota e os hábitos alimentares tradicionais estão obsoletos, fortalecendo a ocorrência de doenças relacionadas ao consumo de alimentos industrializados. Acentuam-se problemas com drogadição, alcoolismo, violência, prostituição e o descarte de resíduos sólidos na aldeia aumentando, consideravelmente, a poluição visual e do solo pelos dejetos acumulados.

Quais os prejuízos do desaparecimento do símbolo *Komarurà* para o povo *Iny*? As dinâmicas socioculturais vivenciadas pelos povos indígenas, desde o processo colonizador que objetivou exterminar esses sujeitos, trouxeram e trazem inovações e ressignificações do modo de vida e elementos da cultura. Se, por um lado, as possibilidades de mudanças estão entremeadas de resistências históricas, por outro, mostram que uma sociedade não é estanque ao movimento do tempo e do espaço.

Se o uso do símbolo *Komarurà* é assumir a identidade *Iny*, o pouco uso significa a negação da identidade indígena. Isso pode enfraquecer internamente o povo, que, aos poucos, tem sido capturado por elementos e pela vida não indígena. Sobre as mudanças da cultura e modo de vida *Iny*, a entrevistada E considerou que:

Tanto o símbolo no rosto, como toda cultura *Iny* é tão antiga quanto esse povo. Nossos pais, avós, tataravó, nossos ancestrais, todos tinham e mostrava a importância e as mudanças ocorridas nos últimos anos, como a troca da marca do seu símbolo identitário por outros elementos da cultura não indígena, como tatuagens, não afeta sua consciência sobre valores como povo, cultura e língua, mas coloca muitos elementos da cultura para morrer.

Portanto, compreende-se o quanto é necessário e urgente criar projetos locais para fortalecer não apenas os usos do símbolo *Komarurà*, mas, a língua, identidade e outros elementos da cultura. Nesse sentido, o papel da Educação Escolar Indígena é essencial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Habitantes seculares das margens do rio Araguaia e de seus afluentes, os *Iny*, desde a década de 1970, têm enfrentado a crescente pressão gerada pela disputa de seus territórios tradicionais, em detrimento do interesse suscitado, sobretudo, pelas atividades pecuária e turística.

Foi possível compreender que o contato interétnico e a inserção dos *Iny* nas demandas mercadológicas do turismo, pecuária e da vida urbana culminou com várias modificações e

ressignificações da cultura desse povo. Nesse contexto, está o símbolo *Komarurà*. As tradições seculares vivenciadas em um ambiente cada vez mais moderno podem contribuir para a intensificação das mudanças.

Evidenciou-se a falta de políticas públicas locais de conscientização dos não indígenas, sobretudo turistas, para respeitar o povo *Iny* e sua cultura. Faltam políticas educacionais indígenas, projetos que visem ao fortalecimento da língua, identidade e cultura do povo Karajá.

Mas vale ressaltar que, em 2023, o Brasil experencia um contexto de afirmação, autonomia e protagonismo indígena antes nunca visto, com indígenas ocupando espaços de poder em diversas instâncias, em universidades, eventos locais, nacionais e internacionais, entre outros. Isso mostra um contexto que tem sido modificado no sentido do fortalecimento da identidade indígena; na luta por direitos e proteção do território.

REFERÊNCIAS

BRÍGIDO, Suely. **Imagens Encantadas**. Editora Mauad, 2013 [1995].

DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico**(2010). Acessado em 12 jul 2022.

_____. <https://indigenas.ibge.gov.br>. **Estudos especiais**. Acessado em 23.06.2023.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LIMA, Sélvia Carneiro de. **A permanência do estranho: os Karajá, os Tori e as disputas territoriais do cerrado goiano**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Goiás. Instituto de Estudo Socioambientais. Goiânia, 2010.

LEWIN, Kurt. **Problemas de dinâmica de grupo**. São Paulo: Cultrix, 1978.

MEDRADO, Joannes de Souza. **Povo Karajá de Aruanã/GO: território e vida indígena**. 2021. 134 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, Goiás, GO, 2021.

NAIDITCHF, F. Pesquisa - ação. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. **DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente**. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM.

PECHINCHA, Mônica; SILVEIRA, Ester. **Relatório de viagem à Aldeia Indígena Karajá de Aruanã.** Brasília: FUNAI, 1986.

PORTELA, Cristine de Assis. **Nem ressurgidos, nem emergentes:** a resistência histórica dos Karajá de Buridina em Aruanã-GO (1980-2006). Dissertação (Mestrado em História) Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal de Goiás, 233 páginas, 2006.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social:** métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1999.

SAQUET, Marcos Aurélio. **O Território:** A Abordagem Territorial E Suas Implicações nas Dinâmicas De Desenvolvimento. Revista da Unioeste. IGepec, Toledo, v. 23, p. 25-39, 2019. Edição especial.

SILVA, Lorraine Gomes da; LIMA, Sélvia Carneiro de. **O povo Indígena Karajá de Aruanã/GO:** ressignificações socioculturais Ateliê Geográfico - Goiânia-GO, v. 11, n. 3, dez./2017, p. 155-169.

TEODORO. Viviane. **Povos indígenas no Brasil.** 2020. Disponível em: <https://escolaeducacao.com.br/povos-indigenas-no-brasil/> acessado em: 05 jan 2023.

TEREZIANO, Roberto. **A Origem dos Índios Karajá – Lenda Brasileira.** 2016. Disponível em: <https://pocoscom.com/a-origem-dos-indios-karaja-lenda-brasileira/> acessado em 21 out 2022.